

## RESENHAS

VV.AA.

### Que cultura em Portugal nos próximos 25 anos ?

Lisboa, Verbo, 1984, 213p.

Reunindo os trabalhos apresentados num ciclo de conferências do qual participavam especialistas em filosofia, ciência, literatura, artes plásticas, educação, teologia, antropologia e história, a Editorial Verbo propôs-se a comemorar o 25º aniversário de sua fundação.

O resultado foi este livro, no qual encontramos um panorama de Portugal hoje e a discussão das possibilidades do desenvolvimento cultural do país, num futuro imediato.

Colaboração de Gama Caeiro, Veríssimo Serrão, Borges de Macedo, Bigotte Chorão, Mendonça Soares, Policarpo, Lima de Freitas, Arantes e Oliveira, F. Guedes, A. Quadros, constituem o corpo da obra.

Especial destaque merecem, a nosso ver, as conferências de Gama Caeiro, sobre "O Pensamento Português"; a de A. Quadros, sobre "O Homem Português"; a de Borges de Macedo sobre "A Universidade Portuguesa" e a de Arantes e Oliveira, sobre "A Investigação Científica em Portugal".

Gama Caeiro começa por analisar a situação de crise vivida em Portugal e busca uma via para superá-la, mediante a reflexão sobre o possível denominador comum entre filósofos portugueses. Trata, pois, de explicitar as características do pensamento português; assinala, também, os grupos criadores da filosofia portuguesa elencando os seguintes: **Seara Nova**, **Nação Portuguesa**, **Renascença Portuguesa** e indicando, como pensadores exponenciais, Leonardo Coimbra, Antero de Quental, José Marinho, Álvaro Ribeiro, entre outros.

Procura caracterizar os valores lusíadas, indicando a presença, em Portugal, de um **humanismo espiritualista** e de uma **atitude sóbria e austera**, essencialmente antiburguesa e que busca o **primado do ser sobre o ter**. O autor aponta à educação a tarefa de explicitar tais valores. Essa educação "em Portugal deveria tomar em conta suas raízes mais fundas (...)" e promover de novo a "atenção à herança humanística de raiz greco-romana (...)" (p. 30), para que seja possível "revitalizar os veios que alimentam a espiritualidade, a cultura e o pensamento do futuro homem português" (p. 31).

Antonio Quadros, meditando sobre "O Homem Português" trata de explicitar em que sentidos usa-se a expressão **pensamento português**. A busca da identidade portuguesa tornou-se, segundo o autor, assunto de gerações de intelectuais a partir de 1890. Entre os autores e grupos que reagiram contra o positivismo, o realismo e o socialismo, e propuseram a redescoberta dessa identidade, temos: Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Teófilo Braga, Antero de Quental, Sampaio Bruno e Antonio Nobre. A poesia deste último serviu de paradigma aos poetas sebastianistas: Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoaes, Antonio Sardinha, Antonio Correa de Oliveira e Fernando Pessoa.

Os movimentos **Renascença Portuguesa** e **Águia**, com Leonardo Coimbra e Mário Beirão, entre outros, propuseram uma filosofia do espírito que propiciou "o aparecimento de uma **paidéia** portuguesa" (p. 191).

O movimento **Orpheu** reinterpretou esse espírito em termos modernos, através das obras de Pascoaes, Almada, Raul Leal, Antonio Ferro. Tratava-se de buscar o arquétipo do homem português, "paradigma do homem universal, lutando, numa epopéia messiânica e por assim dizer ontológica, pela redenção do ser (...)" ( p. 193 ).

Essa orientação repercutiu também no grupo **Seara Nova**, onde Jaime Cortesão, Raul Brandão, Sant'Anna Dionísio, foram figuras de proa; entre os **Integralistas** da revista **Nação Portuguesa**, tais como Antonio Sardinha e Alberto de Monsaraz; na revista **Presença** em que colaboraram Miguel Torga, Branquinho da Fonseca e José Régio.

A partir de 1940, essa busca da revalorização do homem português, mediante a "aliança de valores tradicionais com os valores da modernidade" ( p. 194 ) e a ênfase no trabalho criador, está presente nos escritos de Delfim Santos, Damião Peres, Luis Silveira, entre outros.

Ao lado desse movimento nacionalista, desenvolveu-se uma abordagem marxista da situação de Portugal através dos escritos de Magalhães Vilhena, Joel Serrão, Soeiro Gomes, Fernando Namora.

Nos anos 50 e nas décadas seguintes, o movimento da **Renascença Portuguesa** e da Faculdade de Letras do Porto repercutiu, através da obra filosófica de Leonardo Coimbra, em Delfim Santos, Agostinho da Silva, Álvaro Ribeiro, José Marinho. A filosofia portuguesa, inspirada por eles, será desenvolvida recentemente por Antonio Braz Teixeira, Pinharanda Gomes, Eudoro de Sousa, Banha de Andrade, Dalila Pereira da Costa, Francisco da Cunha Leão.

Estes pensadores tratam de explicitar o arquétipo do português, reconhecendo no cosmopolitismo, no idealismo e nos mitos **providencialistas**, **ultramarino** e **sebástico**, o grande traço do espírito português: a conciliação dos opostos. A face portuguesa negativa, os antivalores do mimetismo, provincianismo, suscetibilidade e vaidade, também são analisados. Quadros busca **propor caminhos** para superação desses entraves à plena expressão dos valores do homem português e, assim, tornar possível um reencontro do povo consigo mesmo e sua mais íntima verdade.

Borges de Macedo, na conferência sobre "A Universidade Portuguesa", começa por discutir o sentido e papel da universidade. O contato com instituições estrangeiras o "contacto permanente com a vida civil" ( p. 57 ), a autonomia e responsabilidade da instituição em pauta, a questão das Universidades estatal e privada, os problemas do poder e da busca de verdade são abordados pelo autor. Sua meditação fala da **questão da Universidade**, que não é apenas uma interrogação portuguesa, mas encontre pontos de similaridade com a meditação em torno da Universidade brasileira.

A reflexão sobre a Universidade é completada por outro estudo, o de Arantes e Oliveira sobre "A Investigação Científica em Portugal". Discutindo inicialmente o significado da investigação científica para a vida dos homens, enquanto "responde à nossa ânsia de conhecer" e "é a fonte por excelência do progresso" ( p. 138 ), o autor mostra que há uma articulação entre a atividade científica e o desenvolvimento técnico. Em seguida, passa a considerar o problema das instituições onde a investigação científica se faz. As Universidades foram, durante muito tempo, o lugar onde tal investigação se deu. A partir da década de 60, a interdisciplinaridade tornou-se uma questão central, bem como as implicações sociais da ciência e as "universidades tendem, assim, a ser, hoje em dia, como talvez nunca no passado, as instituições — chaves na condução da investigação científica" ( p. 142 ). Tomando como ponto de referência um relatório de 1981 da OCDE, o autor mostra que, a partir da década de 70, surgiram muitos problemas para o desenvolvimento da

investigação científica: por **redução do número de alunos** e crise da investigação; por **razões financeiras** e "razões ligadas com o recrutamento do pessoal docente" ( p. 143 ), tais como: envelhecimento, baixa qualificação; "por razões ligadas com o ensino de pós-graduação ou de terceiro ciclo" ( p. 144 ), tais como redução do número de alunos, diminuição de doutoramentos, deterioração das condições de trabalho, falta de recursos, no nível em pauta.

Contra essa degradação, vários caminhos surgiram: apoio só aos investigadores e aos centros de excelência; descentralização e autonomia das universidades para gestão de recursos; fixação de prioridades de pesquisa, através de uma política científica.

O autor estuda as diversas soluções, buscadas pelos EUA, Alemanha Federal, Reino Unido, Finlândia, Suíça, França, Holanda, Canadá. Mostra também o papel das fundações e conselhos de investigação, como o Research Council, o CNRS, o FNS, e os caminhos já tentados por universidades expressivas como as de Utraque, Berlin, Zurique e Lausana. Aponta a necessidade de cooperação internacional entre instituições e da separação entre investigação e ensino, embora assinala que "quando se fala da separação entre a investigação e o ensino não se pensa que desapareça a investigação ligada ao ensino (...) mas que a investigação, como actividade autónoma, não se exerça em todas as áreas em que se exerce o ensino, e se exerça em certas áreas em que o ensino não se exerce" ( p. 150 ).

Aponta os problemas graves que decorreriam de uma ruptura completa entre pesquisa e ensino, "à existência dentro de cada universidade de docentes de primeira e de segunda, isto é, a uma estratificação paralela das unidades de ensino e à diminuição do número de estudantes de pós-graduação" ( p. 150 ), como já ocorreu na Suécia, conduzindo à revisão da carreira docente, mediante a introdução da exigência, ao professor, de dedicar um certo número de horas à pesquisa.

Trata-se de fazer um esforço para evitar a concentração de recursos em algumas universidades e favorecer a cooperação entre elas, bem como de permitir a repercussão, em profundidade, na sociedade, dos resultados da investigação científica. Ora, isso só ocorre através de quadros de investigadores, preparados longa e cuidadosamente e não através de "simples cursos de especialização" ( p. 152 ).

Os problemas citados são comuns às universidades em todo o mundo. Para saná-los, em Portugal vinculou-se ao Estado, os principais órgãos de apoio à pesquisa: o Instituto Gulbenkian de Ciência, as Academias, os Institutos de investigação ligados aos ministérios ( Instituto Nacional de Investigação Agrária, I. N. de Investigação das Pescas, o Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industriais, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, O I. N. de Meteorologia e Geofísica, a Comissão Nacional do Ambiente, O I. N. de Investigação Científica e Tropical ) e ainda a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

O autor sugere modos de funcionamento e de concatenação entre tais organismos, bem como de recrutamento de seus membros, ouvidas as Universidades.

Mostra o papel relevante que as Universidades devem ter na criação de centros de pesquisa, referindo-se ao exemplo francês ( C.N.R.S. ), bem como à importância dos serviços prestados pelas Universidades ao Estado, citando como exemplo desse tipo de colaboração, aquela que se efetua entre Estado e a Universidade de São Paulo.

Aborda detalhadamente a questão dos recursos alternativos que podem ser obtidos, apontando como exemplo as soluções encontradas pelas Universidades americanas.

Arantes e Oliveira, concluindo seu trabalho, identificou os seguintes problemas da investigação científica em Portugal:

“ — o da gestão central do sistema nacional de investigação e desenvolvimento;

“ — o do funcionamento dos organismos sectoriais como órgãos de planeamento, coordenação e avaliação, e não predominantemente como unidades de execução;

— o do desenvolvimento da investigação nas empresas;

— o da gestão da investigação no setor do ensino superior;

— o da gestão da investigação a nível das universidades e da preparação destas para a investigação estratégica” ( p. 162 ).

O paralelismo entre os problemas vividos pelas universidades em Portugal e as nossas universidades é evidente. O texto de Arantes e Oliveira é, por isso, sugestivo para reflexões em torno do assunto.

**Que Cultura em Portugal nos próximos 25 anos ?** trata de questões relevantes não apenas em Portugal, mas em nosso tempo e nosso país. Leitura obrigatória para compreendermos a cultura portuguesa e os pontos de aproximação luso-brasileira.

Constança Marcondes Cesar

CASTELLANA, Mário.

**Epistemologia debole.**

Verona. Bertani Editore, 1985.

Abordando a epistemologia francesa contemporânea, bachelardiana e pós-bachelardiana ( Desanti, Raymond ), o autor discute as relações ciência-filosofia, especialmente no que diz respeito às implicações epistemológicas da física-matemática.

A edição foi parcialmente subvencionada pelo Instituto de Filosofia da Universidade de Lecce, e mostra a atualidade de Bachelard na recente epistemologia italiana. Castellana foi responsável pela edição comemorativa do centenário de nascimento de Bachelard, em 1984, da revista **Il Protagonista** da referida Universidade. A edição, de excelente qualidade, reuniu colaboradores franceses e italianos, do nível de um Canguilhem, Maurice Loi e Tonini, entre outros, além do próprio Mário.

O presente estudo inscreve-se na corrente filosófica italiana que busca novos caminhos, opostos aos da literatura neopositivista e pós-neopositivista.

Esta busca se expressa em diferentes estudos de Castellana sobre Bachelard; o primeiro, editado em 1974, em Nápoles, é intitulado **O Surrealismo de Gaston Bachelard**; e culmina no texto em questão, **Epistemologia Débil**.

O livro trata de mostrar aspectos da evolução da epistemologia francesa contemporânea, a partir da contribuição de Bachelard.

Da quase redução da filosofia à epistemologia, efetuada por Bachelard, à epistemologia entendida como historiografia das ciências por Canguilhem, a discussão das relações filosofia-ciência está em pauta, pondo em jogo a questão **idealismo-materialismo**, em Desanti, Raymond, Althusser.

Dividido em três grandes capítulos, o livro traz, na primeira parte, um estudo sobre "Gaston Bachelard: da epistemologia da física matemática ao materialismo epistemológico". Trata-se de evidenciar a contribuição do pensador francês, cuja obra torna-se, a partir dos anos 60, "um ponto de referência obrigatório no ambiente cultural francês" ( p. 15 ), pelo enfoque e linguagem nova que propõe e que influenciarão o estruturalismo. Castellana assinala também as convergências entre a epistemologia de Bachelard e a prática científica de Boltzmann.

O texto é enriquecido com múltiplas notas, das quais destacamos a de número nove, à p. 58; aí, o filósofo italiano aponta as múltiplas e conflitantes interpretações de que a obra de Bachelard foi objeto. Um tema sugestivo e que mereceria ser aprofundado.

O capítulo seguinte é dedicado a "Desanti: a epistemologia materialista 'débil'". Mostra que a preocupação de Bachelard, na década de 50, consistia em "libertar as práticas científicas da tutela de uma filosofia entendida ainda como gnoseologia, para fazer emergir a autonomia do labor epistemológico" ( p. 69 ); e que nos anos 60, sob a influência do discípulo de Bachelard, Canguilhem, "a epistemologia torna-se historiografia da ciência, para chegar, afinal, nos anos 70 a uma epistemologia crítica, com a escola althusseriana, de um lado, e com o pensamento radical de Michel Foucault, de outro" ( p. 69 ).

No âmbito desta última orientação, inscreve-se a **epistemologia setorial** que, sob a influência do conceito bachelardiano de **racionalismo aplicado**, abordou a matemática, a física, a biologia, a psicologia. Esse intento de fazer a epistemologia de um campo especial da ciência, caracterizou a obra de Desanti. Este autor: **assinala** que as questões a serem abordadas pelo filósofo deverão sempre surgir da própria matemática; **usa** a linguagem fenomenológica para estudar as operações matemáticas; **propõe** conceitos-chave como **idealidade matemática**, **estruturas-mães**, **percurso epistemológico**; **enfoca** as relações filosofia-matemática, passando criticamente por Platão, Descartes, Kant, Hegel, Husserl e denunciando, afinal, no seu **A Filosofia Silenciosa**, "o caráter 'voraz', apropriativo, de toda filosofia que se apresente como um discurso geral e, em conseqüência, deformante" ( p. 104 ). Para Desanti, o filósofo deve pôr-se à escuta do campo da ciência que estuda e deixá-lo falar, a fim de escapar às pressões que buscam reduzir a prática científica à ideologia.

O mérito da epistemologia materialista débil de Desanti foi, segundo nosso autor, "fazer emergir a racionalidade e a especificidade das ciências matemáticas no seu vir-a-ser autônomo" ( p. 113 ).

O terceiro capítulo do livro de Castellana trata da "Epistemologia e História das matemáticas em Pierre Raymond". Pertencente à "ala jovem" da escola althusseriana, Raymond estudou as relações entre filosofia e ciência no âmbito da história das matemáticas.

Sua tarefa: "Compreender o fenômeno 'matemática', nas suas articulações teóricas, suas correlações internas; determinar seu estatuto epistemológico quanto ao caráter de ciência particular que lhe foi assinalado historicamente (...)" ( p. 122 ). Utilizando categorias como **retificação**, **horizonte teórico**, **obstáculo epistemológico**, estuda especialmente o desenvolvimento do cálculo das probabilidades. Visa, em última análise, "fazer a teoria da prática matemática" ( p. 140 ).

Uma bibliografia selecionada, sobre epistemologia francesa, encerra o volume. Nela constam as obras dos autores abordados no livro, bem como a indicação das traduções italianas disponíveis. Estudos monográficos e críticos sobre o assunto, escritos por autores franceses e italianos, possibilitam entrever, na filosofia italiana

contemporânea, uma tendência interessante. A bibliografia em questão permite-nos afirmar a existência de um "surto" bachelardiano na atual filosofia italiana: traduções e estudos críticos de boa qualidade foram editados, a partir da década de 70, em Milão, Roma, Livorno, Bari, Catânia, Verona, Nápoles, Pádua, Lecce, Turim, Florença.

E, numa perspectiva mais ampla, podemos aí ver a intensa repercussão e presença da epistemologia francesa e seus estudiosos ( Althusser, Desanti, Geymonat, Lecourt, Polizzi, Pécheux-Fichant, Canguilhem, Raymond ), na Itália, a partir de 1970.

Constança Marcondes Cesar

VARGAS, Milton.

**Metodologia da Pesquisa Tecnológica.**

Porto Alegre, Editora Globo, 1985, 243 páginas.

Milton Vargas lecionou durante muitos anos na Escola Politécnica da USP. Suas preocupações filosóficas o levaram a estudar o nascimento da ciência ( a Matemática e a Física, nos tempos da Grécia clássica ) e, a par disso, a introduzir, em sua escola, um programa de humanidades — em que a História da Ciência sempre ocupou destacado lugar. Presumo que esse estudo histórico, "temperado" com muitas noções paralelas e complementares, trazidas à tona por auditórios sucessivos, haja, afinal, "produzido" o livro em epígrafe.

A matéria aí discutida distribui-se, grosseiramente, em três seções. Na primeira, do cap. I ao IV, predominam questões gerais, de cunho filosófico ( e.g., as noções de realidade e de técnica; a classificação e o desenvolvimento das ciências ). A segunda seção, do cap. V ao VIII, detém-se em alguns delicados aspectos da moderna filosofia da ciência ( e.g., lógicas, hipóteses, leis, modelos, verificação e refutação de teorias ). A última seção, caps. IX e X, focaliza certas dimensões "práticas": planejar uma pesquisa ( tecnológica ), executá-la e atingir um alvo específico — o artigo, a tese, o relatório.

lendo o livro, tem-se a impressão de estar diante do Prof. Vargas, ouvindo-o falar, de modo calmo e ponderado, com um ocasional sorriso brejeiro, numa sala de aula de sua querida Poli. Quem sabe de suas inquietações filosóficas, reconhece, até, algumas de suas idiosincrasias — como, digamos, a de contrastar a magia e a ciência moderna ou a de usar, sem questionamento, algumas idéias de Tarski ( esquecido no índice remissivo ! ), Russell ( cujo nome aparece, muitas vezes com apenas um "L" e que também ficou esquecido no índice ) ou Popper ( igualmente olvidado no índice ).

Em alguns trechos, a exposição é clara e "flui" com naturalidade; isso acontece, em particular, quando Vargas nos conta episódios históricos. Em outros, porém, condensando um grande número de informações em poucas linhas, ela se torna obscura; isso ocorre, p. ex., no final da seção dedicada à "álgebra do provável" ( p. 112 e s ).

A clareza do Prof. Vargas não foi trazida para o papel, um fenômeno que, por sinal, nada tem de estranho.

Por dever de ofício, li, neste começo de ano, certos escritos de Lacan. Neles não se reflete a genialidade que usualmente lhe atribuem seus discípulos. Ao contrário, o texto é vago, cheio de "mazelas" e, em vários pontos, ininteligível. Com esforço e paciência "captura-se" o que Lacan teria desejado asseverar. Só então,

naturalmente, o debate se torna proflúo. As páginas dos célebres "seminários lacanianos" são, a rigor, pobres molduras para um quadro rico — pendurado na parede de uma cozinha...

Foi isso, mais ou menos, que me ocorreu, ao ler o livro do Prof. Milton Vargas. Um quadro rico, igualmente mal emoldurado e posto numa parede imprópria. Tem-se a impressão de que o Autor, como Lacan, gravou suas aulas e delas retirou o material para o livro, sem cuidados maiores. É por isso que encontramos, p. ex., trechos deste tipo:

"Uma vez feita as tabelas dos enunciados a pesquisa de causa deve ser feita seguindo-se as regras seguintes:..." ( p. 105 )

que jamais figurariam na obra, caso tivesse passado por um crivo crítico prévio. Em vez de tal frase, encontraríamos, talvez,

Feitas as tabelas dos enunciados, viria a pesquisa da causa, consoante as regras seguintes:..."

evitando a desagradável repetição de 'feita' ( e com erro de concordância ) e de 'seguindo'/'seguintes'. Aliás, a repetição de palavras é comum; ver, p. ex., 'essencialmente' no final da p. 90. Há falhas de tipografia ( e.g. ".p' e 'p." p. 99; a fração, ao pé da p. 112; o sinal de igualdade na p. seguinte, etc. ). E há falhas curiosas como a de dar título português a uma obra escrita em latim ( cf. p. 52 ).

A Tabela XI ( p. 216 ) ao que parece, poderia receber mais atenção, para que dela fossem afastadas algumas incongruências. Assim, um "Relatório final" deveria figurar como "Resultado"; ao passo que a "Apreciação" de relatórios ficaria em "Controle". De outra parte, imaginando um "fluxo", caberia ligar "Reinfcio" a alguma coisa que não estivesse bem acabada. Também a Tabela da p. 31 ganharia em clareza se houvesse mais atenção com a gramática. Por que "Métodos" e "dialéticos" ?

Todas essas falhas poderão ser facilmente contornadas em uma futura edição da obra. Apontados os senões, cumpre realçar os méritos. O livro do Prof. Vargas mostra, com certa nitidez, o prisma pelo qual encara o mundo e a via para torná-lo inteligível. Embora seu posicionamento seja passível de crítica ( qual não seria ? ), está claramente formulado na Tabela I ( p. 31 ). A realidade, para Vargas, desdobra-se em oito "níveis", se assim podemos chamá-los: 1) subjetividade, 2) formas, 3) natureza idealizada, 4) natureza, 5) natureza culturalizada, 6) cultura, 7) linguagem e 8) ultimidades. Aparentemente, a primeira e a última dessas "fatias" não se acham sob escrutínio da ciência — e nem disporiam de métodos que lhes fossem próprios ou de logicidade. A nível de natureza idealizada encontramos as ciências básicas ( Física, Química e Astronomia ), apoiadas na Matemática e na Lógica. No próximo nível, da natureza, estão Geologia, Biologia e Geografia ( que, aliás, já se põe na fronteira com o nível seguinte, da natureza tornada objeto de cultura, com fulcro na Psicologia ). Métodos empíricos e racionais "dominam" o cenário, ao lado de técnicas indutivo-experimentais — sempre com apoio da Matemática e da Lógica ( agora englobando a indutiva ).

A distribuição dos níveis ( cf. p. 32 ) vai do formal para o concreto. Entretanto, a linguagem, colocada no sétimo nível, revela a conveniência de um retorno ao formal, para o delineamento de uma circunferência, a mostrar que os ciclos se repetem, de maneira dinâmica e ininterrupta.

Vargas mostra de modo mais incisivo sua cultura e seu poder de análise ao discorrer a respeito de alguns temas que lhe devem ser caros. É o que se dá, digamos, em "A matematização da Física" ( p. 51 e ss. ) ou em "A evolução da técnica e o parecimento da engenharia" ( p. 70 e ss. ).

Descontadas as observações de caráter perfunctório, sobretudo no final, o livro do Prof. Vargas deve receber a atenção dos estudiosos de engenharia e a eles prestará, sem dúvida, bons serviços. Esperamos que o Autor lhe dê, na segunda edição, a forma que merece.

Leonidas Hegenberg  
02-4-86

OVALLE, Alonso de  
**Histórica Relación dei Reybo de Chile**  
Sgtó. de Chile, 1977

Alonso de Ovalle nació en Santiago de Chile el 27 de julio de 1603. Recibió su educación en el Convictorio de los Jesuitas, donde perteneció a la Congregación Mariana. Contra la voluntad de sus padres fue ordenado sacerdote de la Orden de los Jesuitas. Como Procurador de dicha Orden tuvo la oportunidad de viajar a Europa. Allí publicó alguna de sus obras con la intención de proporcionar antecedentes sobre Chile y, de paso, interesar a otros jesuitas para que se viniesen a este alejado pero maravilloso país.

El padre Ovalle pasó su vida compartiendo su tiempo entre la evangelización de sus hermanos y la pluma. La muerte le encontró al regresar de uno de sus viajes. El dos de marzo de 1651 dejó de existir cuando sólo contaba con cuarenta y siete años de edad. Actualmente es considerado el más grande poeta chileno anterior a la Independencia. Su obra cumbre es la "Histórica Relación del Reino de Chile, y de las Misiones y Ministerios que ejercita en él la Compañía de Jesús". Fue publicada en Roma el año 1646. Otras obras suyas, mucho más breves, aunque no de inferior calidad, no alcanzaron la trascendencia de ésta.

Quizás la característica más sobresaliente de la Histórica Relación, es su penetración en la naturaleza chilena. Al autor le llama particularmente la atención, la belleza andina. La grandiosidad y la pureza de las montañas lo atraen, lo mismo que la frescura del agua y la inmensidad del mar.

En las descripciones de la naturaleza Ovalle no se limita a una relación de tipo fotográfico, sino que poetiza, recreando en cierto sentido los elementos que impresionaron su sensibilidad. El mundo de las flores con su color y perfume, la dureza o suavidad de las piedras, el murmullo del agua, el sabor de las frutas, del pan y de los vinos. El padre Ovalle se deleita en esta fiesta permanente que los sentidos hallan en el campo y en la mostaño nacionales.

La obra de Ovalle ha de considerarse como el punto de partida de aquella parte de nuestras letras que se complace en la descripción de los campos, del monte y del mar.

Junto a "La Araucana" de Alonso de Ercilla, son las creaciones paralelas en las que encuentra su inspiración la mayor parte de nuestra literatura. Traducida al inglés en el siglo XVIII, ha sido aprovechada por viajeros, historiadores y geógrafos de diversos países. Ella nos permite tener no sólo una viva descripción de nuestra naturaleza sino que permite, además, ver muy hondo en la vida del siglo

XVII. Muestra un aspecto esencial de un país en formación. De esta forma se convierte en lectura obligatoria tanto para historiadores, sociólogos, biólogos, *literatos y, por supuesto, para los maestros.*

**Héctor René Bustos Bustos**

Alumno postulante al grado de Magister en  
Filosofía de la Educación  
Pontificia Universidad Católica de  
Campinas – ( Proyecto Villarrica )

HUXLEY, Aldous

**Un mundo feliz**

Plaza y James Editores S. A. Barcelona  
Septima Edición, Septiembre 1986

Aldous Huxley nació el 26 de Julio 1894 en Goldalming, condado de Surrey, Gran Bretaña. Su abuelo paterno era un gran biólogo, su padre alcanzó fama como científico. Su madre sobrina del famoso poeta de la era Victoriana Mattheno Arnold.

Aldous Huxley ha escrito mas de 50 libros, de poesía relatos, teatro, ensayos y novelas.

Un mundo feliz, la obra al cual estamos echando una ojeada, nos lleva al futuro, a una civilización en la cual triunfa el consumismo y el bienestar material. Un mundo libre de afectos perturbadores como amor, temor, patriotismo o guerra. Mundo de gran estabilidad, fundado principalmente en el gran perfeccionamiento de la reproducción "in vitro" de seres humanos estandarizados.

Gran parte de la obra nos deja ver este mundo perfectamente organizado. Nos permite acompañar el proceso de la producción del ser humano. Podemos con estupor o admiración seguir como el ser humano es condicionado o más bien predeterminado en un proceso industrial para su lugar, actividad, modo de felicidad en la sociedad a la cual pertenecerá.

Esta producción que determina estatura, inteligencia, gusto, ocupación, rango y clase del futuro miembro de la sociedad, facilita a los gobernantes enormemente el trabajo. Como todos tiene gustos y deseos según las normas programadas es fácil dirigir la producción para satisfacer las necesidades y disponer de medios normados para que cada uno se divierta según le corresponde según su carta o rango. Todo esto va bien, y es aparentemente perfectamente planificado a inteligentemente ejecutado.

En el capítulo XVII el autor mismo muestra el defecto de todo este mundo tan perfecto, el gran vacío que hay en cada persona y por consiguiente en toda esta Sociedad.

Este vacío nos hace ver un "Salvaje" que llega a esta sociedad y entre tanta, actividad, tanto movimiento, tanta prisa y tanta compañía, comodidad y "libertad programada" se siente solo, abandonado, aburrido, vacío, y busca una vida que tiene sentido para él, este sentido lo encuentra en la existencia de Dios, dice "¿ no es natural sentir que hay un Dios ? ", pág. 193.

El interventor Mustafá Moud le demuestra lo inconveniente e innecesario de este reconocimiento para la Civilización industrial. Vamos escoger solo tres razones.

"Actualmente podemos conservar y conservamos la juventud y la prosperidad hasta el final. Que sigue de ello, evidentemente que podemos ser independientes de Dios." pág. 182.

"Para que buscar algo inamovible — si ya tenemos el orden social..." pág. 182.

"Dios no es compatible con el maquinismo, la medicina científica y la felicidad universal..." pág. 182. Además la civilización industrial sólo es posible cuando no existe auto negación, es preciso la autosatisfacción, de otro modo las ruedas dejarían girar. La respuesta del "salvaje" resume en pocas palabras el defecto de este mundo feliz !

"Yo no quiero comodidad, yo quiero a Dios, quiero poesía, quiero peligro real, quiero libertad, bondad, quiero pecado" pág. 186.

El libro fue escrito cuando En Europa, después de la Primera Guerra Mundial se establecieron los gobiernos autoritarios. Cada uno de ellos tenía su programa de felicidad. El autor captó, me atrevo a decir, proféticamente, lo que flotaba en el aire. Infelizmente, lo que el describe con gran maestría está en vías de realizarse, y mucho ya se realizó. Si bien no se alcanzó la reproducción estandarizado del ser humano ( programa de Hitler ) ya se alcanzó por medio de sugestión ( TV, etc. ) unificar gustos y "placeres" según las necesidades de la Industria. El consumismo avanza en todos los países.

Las diferencias son superadas por una educación "clasificada" facilitando así a los gobernantes dar a cada uno un lugar en la sociedad según lo previsto por el gobierno.

El activismo y drogas suplanta la necesidad de Dios y TV, radio, cierta prensa se preocupa que poca gente nota el vacío interior.

Me temo que Un Mundo Feliz descrito de Huxley ya no es tan utópico, sino ya tomó posesión de nuestro mundo en un grado insospechado por la mayoría de nosotros.

Tendrá nuestra realidad la suerte de encontrar "un salvaje" que se atreve pensar, a sufrir a exigir libertad y por fin que quiere a Dios sobre todas las cosas.

P. Wevering